

Desescolarizar a ~~Universidade~~ o mundo

- I. SOBRE OCUPAÇÕES COMO ESPAÇOS DE LIBERDADE:
O caso El Quinto (Prédio do DCE – UFPR)

05/04/2015

SOBRE OCUPAÇÕES COMO ESPAÇOS DE LIBERDADE: O caso El Quinto

A consideração de um espaço qualquer como um "espaço de liberdade" é relativa às experiências que este espaço possibilita. Entendemos, pois, que não há uma forma específica, fixa e fechada que permita compreender ou caracterizar a liberdade como ela 'deve ser'; ela é coisa para permanecer em aberto, para ser vivida no espaço, moldada de acordo com a livre negociação da vontade das pessoas que tornam um determinado espaço um espaço vivo. Falamos assim, sobretudo, da liberdade como algo a ser exercitado, e podemos apenas (1) considerar a maneira como este exercício pode chegar a ocorrer; e (2) as condições que favoreçam tal exercício. Para estas considerações, pensamos que levar em conta a forma que um espaço de arte, um espaço experimental, uma ocupação pode assumir, pode ser elucidativo.

Partiremos neste texto da experiência realizada no prédio situado nas proximidades da Reitoria da Universidade Federal do Paraná; prédio atualmente ocupado por três coletivos; coletivos que estão hoje sob ameaça.

Mais precisamente, vamos nos concentrar no quinto andar deste prédio, onde atua o coletivo de que mais me aproximei.



O *El Quinto*

*Do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento.
Mas ninguém chama violentas às margens que o comprimem.*

Bertolt Brecht

(citação colada na parede do El Quinto)

Eu procurava por espaços abertos e organizações autônomas na cidade de Curitiba quando ouvi falar pela primeira vez do **El Quinto**. Encontrei uma página no Facebook, e vi lá que eles mantinham (ainda mantém) uma programação semanal de cursos livres e atividades. Era dia de “cineteca” quando resolvi conhecer pessoalmente o espaço. Subi as escadas; todos os andares fartamente pichados, as luzes já estavam apagadas e alguém ajustava a imagem do projetor. Havia pouca

gente, mas quem estava lá já se acomodava para o início do filme. Exibiram "A Febre do Rato" - filme de um anarquista maluco que acreditava muito na potência afetiva e transformadora da arte. Logo após o filme, houve uma conversa onde pude comprovar meu sentimento de identificação com a proposta do espaço. Com o sentimento de que poderia ficar, fiquei de retornar no dia seguinte.

O El Quinto é formado principalmente por artistas de rua, malabaristas, músicos e viajantes. O nome "El quinto" surgiu espontaneamente; é como alguns de seus membros, *hispanohablantes*, foram se referindo ao andar que o coletivo utiliza no prédio que ocupa para realizar a maior parte de suas atividades: el quinto andar. Nos outros andares, dois outros coletivos ocupam o prédio: a Radio Gralha, uma rádio livre; e Antifa 16, coletivo que, entre outras atividades, promove cursos de artes marciais e autodefesa voltados especialmente para mulheres. Recentemente o Antifa 16, num esforço de abertura do espaço que ocupa no prédio propôs para o quarto andar o nome 'Espaço Libertário Casa da Árvore'.

Quando retornei ao Quinto, no dia seguinte à exibição daquele filme, algumas pessoas participavam de uma oficina de malabares. Eu deixei cair muitas vezes a bolinha, me enrolei no swing, e reconhecí o nível surpreendente de consciência corporal que a coisa toda exige. Outro dia, participei de uma oficina de artesanato com macramê. Eu errei alguns nós e o que devia se tornar uma borboleta se revelou uma espécie de morcego...A mistura do trabalho com o que seria uma brincadeira, a disposição à partilha de saberes, o espírito coletivista e sobretudo a amorosidade transbordante naquele espaço a estas alturas já tinham me ganhado completamente.

Todas as oficinas que o El Quinto oferece são gratuitas e um tanto inusitadas. Como as pessoas que frequentam o espaço mudam, mudam também as atividades. O que é, talvez, mais incrível na proposta, é justamente esta abertura à possibilidade de diferença. Teve um dia em que, tendo o coletivo recebido uma nova integrante, vinda de longe, acabei participando, meio que por acaso, de uma oficina de francês. Logo se aproximou também um haitiano que não falava a nossa língua, e de repente eu me vi, assim, um dos únicos brasileiros presentes, eu e a Ana, improvisando uma oficina de português. Em todos os dias em que estive por lá, teve música - geralmente, violão, escaleta, voz e percussão. Lembro ainda que um dia, numa oficina de produção de zines, enquanto considerava a possibilidade de escrever um texto mais ou menos como esse, havia uma criança riscando, sem nenhuma inibição, as paredes do El Quinto. Mais recentemente assisti o coletivo ensaiar uma peça teatral que aludia à condição da arte em nossa época - peça em que acabaram me encaixando quando faltou alguém. A certa altura dessa peça, no clímax, aparece a polícia e acaba com a festa. Mas aí, como que por um milagre, xs artistas ressuscitam e voltam a seus malabares e instrumentos de preferência. O roteiro havia sido produzido pelo próprio coletivo, e eles tinham optado por um "final feliz", embora, se bem me lembro, a coisa não tivesse propriamente um "final": a peça acabava inconclusa, com os personagens-atores libertos em suas práticas...

O El quinto é, com isso, claramente, um espaço de arte; mas ainda mais do que isso, é um espaço possibilitador de encontros e experimentos; um espaço de educação livre e expandida; um experimento em 'educação estética' e 'desescolarização': um espaço que investe na possibilidade de desenvolvimento pessoal para além das estruturas de ensino-aprendizagem mais habituais, e finalmente, um espaço que possibilita o exercício de outras formas de se relacionar uns com os outros e com o mundo, de modo a permitir que a nossa potência de vida se desenvolva mais livremente - para que então se realize, como diriam os românticos, o artista que está

em germe em *todas* as pessoas. Pode parecer algo utópico, mas na realidade é algo muito próximo do que experimentava a garotinha aquele dia em que riscava as paredes.

Ainda em relação ao espírito libertário do El Quinto, me parece particularmente notável o fato de que seus membros desenvolveram modos de vida bastante dissociados do que seria a norma em um meio capitalista. Embora a maior parte do coletivo trabalhe na rua e faça algum dinheiro com isso, eles dependem muito pouco deste ganho. Os membros do El Quinto não gastam, por exemplo, com aluguel, pois o El quinto é o único coletivo que usa o prédio não apenas como um espaço cultural, mas também como moradia. Assim, compartilhando o espaço que habitam - o espaço em que dormem, inclusive -, e trabalhando para manter este espaço, desenvolvem um espírito comunitário, coletivista e fraternal bastante raro em nossos dias. Para se alimentar, o coletivo faz recicles em feiras e sacolões de frutas e verduras, como as que acontecem no Mercado Municipal de Curitiba. "Recicle" consiste num trabalho de coleta dos alimentos dispensados por estarem "passando do ponto" e já não terem tão boa aparência para a venda. Para além dos recicles, o coletivo costuma caminhar quase todos os dias até a região do Largo da Ordem, na região do São Francisco, onde fica um templo Hare Krishna que serve pratos de comida de graça, desde a janela, para as pessoas na rua. De repente me parece estranho não haver lugar bem certo em nossa cultura para "renunciantes" como são, por exemplo, os "sadhus" indianos. Por aqui, estes que perambulam pelas cidades, habitam espaços públicos e se alimentam de graça, são "vagabundos" e provavelmente sofrem de algum tipo de distúrbio de ordem psíquica. Nós não sabemos apreciar propriamente coisas como o desprendimento. Não importa que um tipo de consciência espiritual muito semelhante àquele expresso no ato de doação daqueles monges devotos de Krishna se expresse ao longo da vida de algumas destas pessoas que recebem o alimento. É assim com as pessoas do El Quinto que, afinal, expressam gratidão quando mantêm um espaço aberto e oferecem à comunidade oficinas também de graça.

Retornando ao prédio, muitos dos ocupantes, como atestam os fanzines espalhados por lá, se interessam por autogestão, agroecologia, permacultura, energias renováveis, soberania alimentar, veganismo, alimentação viva, economia da dádiva, mídia livre, entre uma série de outras coisas. Com isso tudo, é um desejo tácito que o prédio se torne uma espécie de "célula de transformação". Pois se é verdade que este prédio revela possibilidades reais de diferença no seio do "mesmo" da nossa cultura, se é, desde já, uma "heterotopia" - uma "espécie de utopia realizável", nos termos propostos por Foucault -, que haveria de faltar?

O entendimento que falta

Em fins do mês de março e início de abril, o Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Paraná, sem qualquer reconhecimento da importância do trabalho que os coletivos têm realizado e sem ouvir os estudantes que fazem parte dos coletivos, moveu, junto ao Conselho Universitário da Universidade e o Pró-Reitor de administração, uma **ordem de desocupação do prédio** para que se faça reforma e "uso adequado" do espaço. De acordo com texto divulgado recentemente pelo DCE, o que os coletivos fazem ali é "vandalismo", a ocupação é na verdade uma "invasão" e representa um "problema" a ser solucionado. O texto divulgado pelo DCE

afirma que os ocupantes se recusam ao diálogo, e chega a considerá-los anti-democráticos, violentos e autoritários. Versão de história aparentemente comprada pelo COUN que, por sua vez, expediu um documento manifestando indignação, inconformismo e repúdio.

Nos dias subsequentes à publicação destes documentos, o prédio passou a sofrer cortes de luz e água. O último, durando já mais de uma semana, tem dificultado ou mesmo inviabilizado a continuidade das atividades realizadas pelos coletivos. Sob tantas ameaças e acusações, os coletivos passaram a convocar estudantes e demais pessoas interessadas para resistir. Algumas pessoas instalaram barracas e colocaram colchões em frente ao prédio, como que para chamar atenção para a situação e evitar a eventual entrada abrupta da polícia que, afinal, podia chegar a qualquer momento.

A meu ver, a dificuldade em estabelecer diálogo deve-se basicamente à natureza política do conflito em questão, pois nas tentativas de aproximação, o DCE, o COUN e a Pró-reitoria insistem num modelo representativo, vertical e autoritário de política, sem reconhecer a legitimidade das ideias e das ações defendidas pelos ocupantes do prédio. Enquanto os coletivos defendem a possibilidade de relações horizontais, falando, por exemplo, de democracia direta, o DCE se apresenta, junto ao COUN e à pró-reitoria com o que acredita ser a solução do suposto problema: pôr ordem à ocupação que consideram "descontrolada" e "inadequada". Os coletivos ocupantes entendem que a ordem de adequação e controle por pessoas que não habitam ou frequentam o prédio fere os princípios que norteiam suas práticas.

A despeito dos estereótipos anarquistas em que devem se basear tanto o DCE, quanto o COUN e a Pró-reitoria para pintar os ocupantes como 'baderneiros' e deslegitimar o trabalho que vem realizando, os ocupantes permanecem juntos em organizações coletivas anti-autoritárias e auto-gestionadas, lutando para o estabelecimento de ordens mais diversas e compreensivas. É desse modo que os coletivos tem buscado lidar com eventuais problemas e dificuldades: na base da ação direta e do apoio mútuo.

Com isso, não é que os coletivos não estejam abertos ao diálogo. Eles apenas entendem que a proposta de diálogo exige o cuidado de ouvir a outra parte, o que no caso implica, no mínimo, reconhecer o trabalho que vem sendo realizado. Ao invés disso, todas as entidades destilam cegas generalizações em relação aos coletivos "invasores" que estão "depredando" o patrimônio público. Se, com efeito, consideramos que o prédio é patrimônio não apenas da UFPR, como de toda a comunidade, como aponta o próprio texto do DCE, então a "excelente proposta de uso" pretendida, deveria começar por levar em conta o uso que a comunidade já vem fazendo do espaço, especialmente se é verdade que o DCE repudia o autoritarismo.

Ao menos, ao ignorar a potência poética e libertária da proposta que move coletivos como El Quinto, Antifa 16 e Rádio Galha, assim como a potência de distinção destes importantes experimentos em relação a propostas educativas e instituições tradicionais - as quais encontram-se hoje abertamente em crise -, o DCE, o COUN, e a pró-reitoria de administração da universidade deixam claros seus pontos. Estes órgãos afirmam velhos modelos e perdem de vista o fato de que propostas como estas, que articulam iniciativas tão diversas tem se alastrado nos últimos anos em diferentes partes do mundo, revelando a urgência de um desejo que já não pode ser recusado. Desejo, mesmo necessidade, de transformação das relações com a cidade; ou mais propriamente, da maneira como a nossa experiência de vida tem

se realizado nestes campos estabelecidos sob a égide do 'capitalismo global'. Este desejo-necessidade está em grande medida expresso nos pixos que o DCE, o COUN e a Pró-reitoria deixam de enxergar quando pensam compreendê-los como "depredação". Estas vozes insurgentes, porém, resistem à tentativa de silenciamento e repressão por força de decretos, e insistem em exercer com a arte sua potência de afeto para transformar o meio que habitamos, e o próprio modo como a vida se desenvolve em nosso tempo.

Assim, para poder continuar com o desenvolvimento de seus trabalhos, os coletivos ocupantes pedem o apoio da comunidade, e apelam especialmente aos departamentos e centros acadêmicos de todos os cursos, para que se juntem ao movimento desde os pontos em que, em suas respectivas áreas, se aproximam da arte e da possibilidade de uma vida mais livre. Pois os coletivos que ocupam este prédio atuam em favor de interesses comuns, e não precisam de tanta oposição quanto de apoio e adesão. Se parece haver violência no processo de implementação deste projeto, então é importante que justamente ela seja considerada: onde, pois, começa a violência?

Das coisas que o conflito com a burocracia institucional permitem reconhecer como problemas reais:

Em relação ao prédio:

Afinal, o prédio é destinado às atividades do DCE, ou é de toda a comunidade? O prédio é de fato público, ou apenas da comunidade discente - estudantes da universidade? A Universidade, de qualquer forma, não é "pública"? "Extensão", não é justamente uma das ações universitárias que pretende realizar pontes entre estudante e a comunidade externa? Por acaso estes "invasores" não são parte legítima da comunidade externa com a qual interessaria à universidade dialogar? Por acaso interessa à Universidade preservar a desigualdade entre uma elite privilegiada e estes que em situações como estas são considerados irregulares e expulsos? Que falta para ver nessa uma oportunidade de aproximar pólos e reduzir desigualdades históricas? Sabemos que as universidades estão em grande medida sucateadas, e entendemos que é um problema, ao menos quando desejamos mudanças, que a formação em tantos cursos esteja tão orientada ao mercado e aos interesses do capital. Mas se ao menos em teoria a Universidade goza de autonomia, e se de fato é importante que a educação seja livre como vem propondo xs educadorxs mais brilhantes de nossa época, porque não reconhecer este prédio como um importante laboratório experimental de práticas autônomas ao invés de detratá-lo? É, de qualquer forma, alarmante o fato de que a chapa eleita do DCE, o Diretório Central de Estudantes da Universidade, seja contrária ao trabalho que vem sendo realizado no prédio.

Em relação ao barulho:

Alguns dos vizinhos se queixam do barulho vindo do prédio em dias de festa. Coletivos como o El Quinto, porém, raras vezes fizeram grandes festas no prédio ocupado; sempre preferiram uma proposta "mais acústica". Muitas dessas festas maiores, estas de que se queixam alguns vizinhos, são feitas pelo DCE: é basicamente este o uso que a chapa eleita faz do prédio. Infelizmente, os coletivos que atuam no prédio é que levam a fama. De qualquer modo, se a proposta é

desenvolver a possibilidade de uso poético e experimental do espaço, o prédio todo se desenvolveria como um espaço de arte, um espaço vivo, de forma que certamente algum "barulho" seria inevitável. Há, porém, em nossa cidade, faculdades de arte que sofrem com o mesmo problema: vizinhos reclamando do barulho. O que se revela, com isso, é um problema bastante significativo em relação à medida em que admitimos que se manifeste nossa potência de vida em espaços públicos normalmente. De qualquer modo, é um desejo que a potência de afeto então explorada seja poética, e que assim não seja sentida como um dano, mas como um ganho. Nos esforçaremos para que este ponto seja compreendido.

Em relação ao mau-cheiro:

Algumas pessoas, externas aos coletivos e muitas vezes alheias à proposta de uso do espaço, entram no prédio, geralmente durante a noite, e urinam nos andares abandonados. Uma forma de evitar o problema é retirar a ocupação de sua clandestinidade e ocupar todos os andares.

Em relação à pixação:

Os coletivos não compreendem pixações necessariamente como depredação, e preferem considerar o interesse da pixação enquanto proposta estética que, se remete à violência, na verdade se coloca em relação àquela que se faz presente no espaço urbano antes dela.

Em relação ao tráfico de drogas:

A apreciação deste ponto é particularmente importante. Os coletivos NÃO estão envolvidos com o tráfico de drogas. O tráfico não é uma atividade que ocorre com regularidade no prédio, exceto quando reprimido nos lugares em que ocorre normalmente pela Polícia Militar. Quando há tráfico nas dependências do prédio, ele ocorre nos andares abandonados, o que é também, infelizmente, comum em outros espaços da cidade. Entendemos que o que mantém essa situação é a política de drogas do Estado, e que a repressão não soluciona a questão. Discutimos, nesse sentido, as condições que tornariam possível a legalização*, e acreditamos na revitalização de espaços ociosos como uma forma eficiente de impedir usos indevidos, de tipo que possam representar risco para os próprios usuários e demais frequentadores do espaço.

Post Scriptum. (24/06/2015)

Este texto foi impresso e panfletado a estudantes e possíveis aliados do movimento com o intuito de dar mais visibilidade ao caso, e propor uma abordagem mais cuidadosa dos pontos levantados. Depois disso, porém, a história se complicou um tanto. O corte de luz e água dificultou a continuidade do trabalho realizado no prédio (impediu, no caso da rádio Galha) assim como a estadia dos artistas de rua que moravam no prédio. Num episódio particularmente confuso, o Restaurante universitário, que fica na parte de baixo do prédio ocupado, fechou por um prazo indeterminado. Um banner colocado na entrada dizia que a causa do fechamento era a contaminação da água do prédio, e sugeria que os responsáveis por isso eram os ocupantes. A acusação deixou a todos os envolvidos perplexos. Os ocupantes organizaram um Sarau de Resistência que foi em muitos aspectos um sucesso, mas não foi suficiente para assegurar a resistência, mesmo após terem conseguido, junto aos centros acadêmicos de muitos cursos, voto favorável à permanência no prédio. Num dos CEBS (Conselho de Entidades de Base) os coletivos, esgotados, anunciaram retirada. Nesse dia, em meio à formalidade tradicional dessas reuniões, o El Quinto fez, à maneira situacionista, talvez, uma intervenção: com roupas coloridas e armados com instrumentos musicais e malabares, perfomaram o trabalho que realizam nas ruas. No dia 18 de abril, antes de haver tempo para os coletivos se retirarem do prédio, a Polícia Federal apareceu. Delicados como de costume, com seus sprays de pimenta, deram dez minutos para que as pessoas retirassem seus pertences do prédio. Não houve tempo suficiente para a retirada de muitas coisas. A porta de entrada foi soldada e o prédio segue fechado até hoje.

O coletivo El Quinto cogitou inicialmente ocupar outros espaços, mas seus membros foram aos poucos tomando outros rumos. O Antifa 16 e a Rádio Galha continuam em atividade em outros locais.

Para muitas pessoas na cidade de Curitiba, o tempo de duração desta experiência pode ter passado despercebido; algumas se incomodaram com ela, e outras tantas - as pessoas que viveram no prédio, particularmente - foram marcadas para sempre com o que ocorreu por ali. O espírito coletivista e a amorosidade do El quinto, em particular, não era algo que podia ser considerado propriamente comum.

Veza ou outra xs ex-ocupantes se encontram ainda nas proximidades do templo Hare Krishna, ponto que continua atraindo entre tantas pessoas 'em situação de rua', muita gente disposta a experimentar formas de vida menos vinculadas ao esquema capitalista mais tradicional.

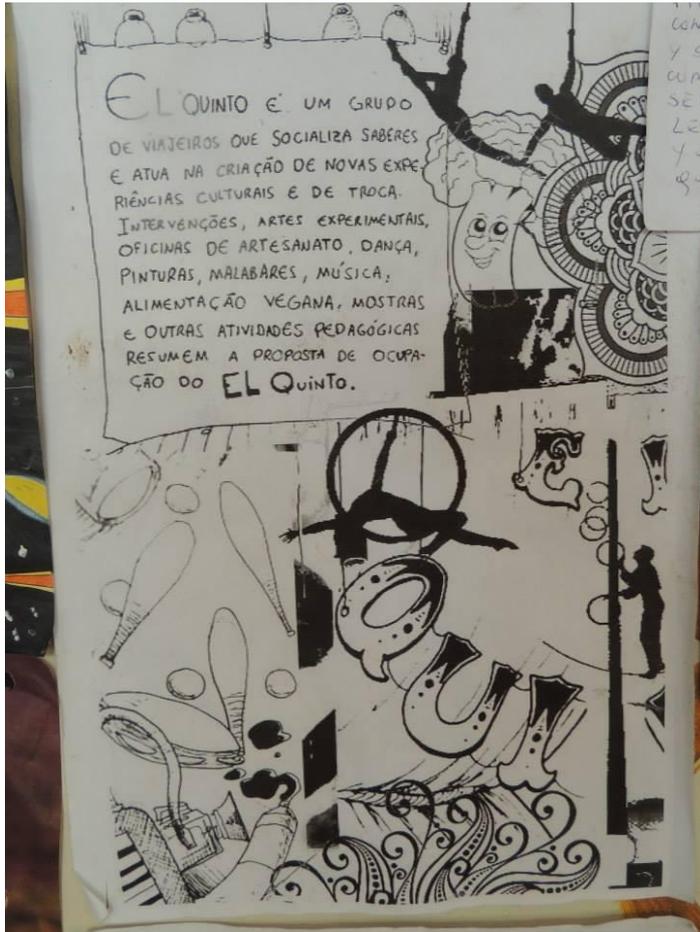
Este relato fica como registro dessa experiência e talvez como inspiração para um próximo experimento.

É uma espécie de missão pessoal para muitas pessoas que fizeram parte dessa história, continuar a viver em espaços mais ou menos como o El Quinto, e assegurar não apenas a sobrevivência do espírito que se formou ali, como sua plena realização.











El poeta vive enamorado
a la muerte
La derrida poco a poco
llega al
lugar al



O
JA
TA
BA



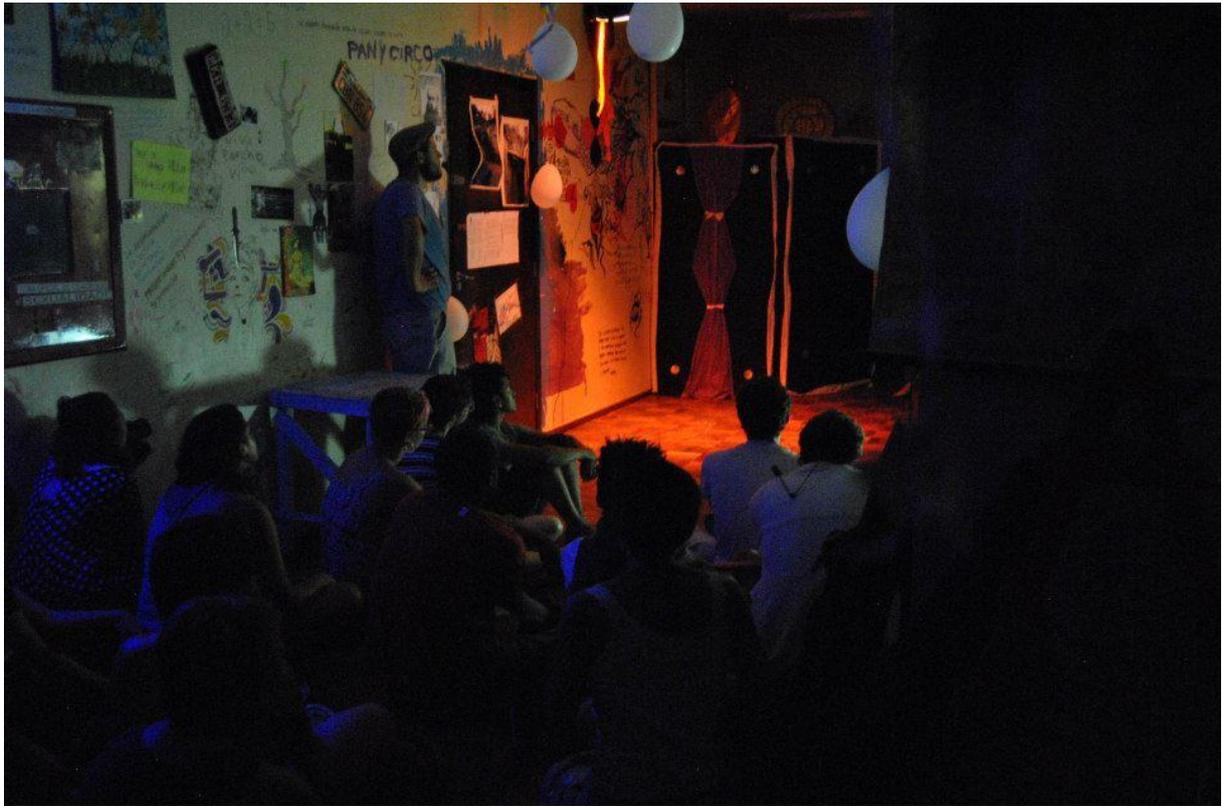




Caroline Alves
2014











"Mba'eicha rupí oúta pytaguá cuéra
omboaparypy tetã guaraníme, oicuaá yre
ñe'ë jha imba'embyasy"

" Como van a venir los extranjeros a
esclavizar a la tierra guaraní sin conocer su
lengua y sus sentimientos"

Cacique Lambaré

16:00
NO QUINTO



OFICINA DE GUARANI
SEXTA FEIRA
NO PREDIO DO DCE
RUA GENERAL CARNEIRO, 390



El Quinto

5 ANDAR
PREDIO DCE - UFR

LABORATORIO
DE EXP. ARTÍSTICA

• STENCIL • FAN ZINE

• AUTOGESTION
• CINETECA
• TROCO DE SABERES
• TEATRO
• CIRCO
• ACRÓDUCO
• POESIA
• MANABIRES
• MUSICA



CINETECA
DU QUINTO
NA QUINTA
20HS
PREDIO
DCE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

MOÇÃO DO COUN

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, instância máxima de deliberação desta Instituição, reunido em Sessão Ordinária aos vinte e seis dias do mês de março de 2015, analisando os acontecimentos e ocorrências relacionados à área destinada às atividades do Diretório Central dos Estudantes no prédio situado à Rua General Carneiro, 370, o Relatório da Comissão Paritária indicada pelo Conselho e os debates e posições externadas na sessão do Conselho de 26 de março de 2015, manifesta a indignação pelo uso de propriedade pública por entes privados e estranhos à Universidade, registra o inconformismo pela depredação do patrimônio de todos e repudia veementemente ações que afrontam a democracia representativa dentre a comunidade universitária.

O Conselho registra Moção de Apoio ao pleito do Diretório Central dos Estudantes da UFPR pela recomposição de sua sede, com interdição imediata para início da recuperação predial conforme o plano diretor de uso pactuado.

Por fim, o Conselho Universitário renova que a UFPR condena a violência e deve lutar para assegurar os preceitos de liberdade e democracia, dentro das práticas já consagradas na Universidade.

Sala das Sessões, 26 de março de 2015.



Zaki Akel Sobrinho
Presidente do COUN



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO

PRA

NOTIFICAÇÃO

O Pró-Reitor de Administração da Universidade Federal do Paraná, no uso de suas atribuições que lhe conferem o Estatuto e Regimento Geral da UFPR e, Diante da manifestação de "indignação" e "inconformismo pela depredação do patrimônio de todos", bem como a determinação de "interdição imediata para início da recuperação predial conforme o plano diretor pactuado".

DETERMINA

Que seja desocupado o espaço do Diretório Central de Estudantes, na esquina das Ruas General Carneiro com Amintas de Barros, desta Universidade Federal do Paraná no prazo de 24:00h (vinte e quatro horas) a contar de hoje.

Curitiba, 31 de Março de 2014.

PROF. EDELVINO RAZZOLINI FILHO.
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

OKUPA DCE-UFPR!

Olá, estudante! Em nome de um dos coletivos que ocupam e promovem um projeto cultural no prédio dos estudantes, o DCE, nos prestamos a fazer um breve relato dos recentes acontecimentos referentes ao local.

Primeiramente, é importante colocar que atualmente são três os andares ocupados no prédio. O terceiro andar é utilizado pela Rádio Gralha, um coletivo de mídia livre que ocupa a estação 106.1 FM nos arredores da Reitoria e realiza transmissões também pela internet. O quarto andar, também conhecido como Espaço Libertário Casa da Árvore (ELCA), é utilizado por um coletivo antifascista que articula, entre outras atividades, oficinas de autodefesa. E, por fim, no quinto andar temos o El Quinto, um coletivo artístico que promove a integração entre culturas e outras oficinas como de malabares, fotografia e teatro.

Todavia, ao contrário do que tentam colocar os que se opõe à ocupação do prédio, o espaço nunca esteve fechado para os estudantes, assim como para a articulação do movimento estudantil e de outros movimentos sociais que o utilizam para reuniões, oficinas de cartazes, ensaios de bateria, etc. Nós nos organizamos com base em princípios libertários, como o da autogestão, do apoio mútuo e da cooperação.

A ocupação do prédio já foi legitimada pela comunidade estudantil em mais de um Conselho de Entidades de Base (CEB) e também por uma Assembleia Geral dos Estudantes - instância máxima de deliberação dos estudantes - porém, isso não intimidou nenhum pouco a Reitoria de promover os mais diversos tipos de ataques aos coletivos; ora indiretos, como por meio de notas postadas no site da UFPR; ora diretos, mandando representantes sem qualquer aviso prévio e em horários extraordinários para ameaçar de despejo os ocupantes, espalhando boatos de uma suposta intervenção da Polícia Federal, enviando uma notificação exigindo a desocupação imediata do prédio, entre outras afrontas à ocupação, como o corte no fornecimento de energia elétrica e de água.

A mais recente ofensiva da Reitoria contra a ocupação aconteceu neste sábado (04), véspera de Páscoa, quando, na parte da manhã, o Pró-Reitor de Administração foi até o local ordenar que o prédio fosse desocupado em vinte minutos - caso contrário, a polícia seria acionada e os ocupantes seriam retirados à força; e, na parte da noite, dois seguranças foram mandados ao local para impedir que outras pessoas pudessem entrar - o que não aconteceu graças à mobilização dos ocupantes e estudantes que acamparam em frente à porta de entrada. Segundo os seguranças, o prédio deve ser definitivamente fechado com tapumes nesta segunda-feira, por isso, precisamos do maior número de pessoas possível para resistir com a gente! Espalhe essa informação e lute por este espaço que também é seu!

A Reitoria esconde seus reais interesses por trás de uma suposta reforma que nós sabemos que não vai acontecer, já que estamos em um ano de grandes cortes de verba para a educação e que muitos outros prédios da Universidade Federal do Paraná e mesmo do Complexo da Reitoria necessitam de reformas mais emergenciais do que o prédio do DCE. O prédio do DANC é um grande exemplo de que o que interessa a essa Universidade que tanto fala em democracia é retirar dos estudantes e da comunidade os espaços de organização e autofinanciamento do Movimento Estudantil e dos movimentos sociais de modo geral.

Organize-se e lute!

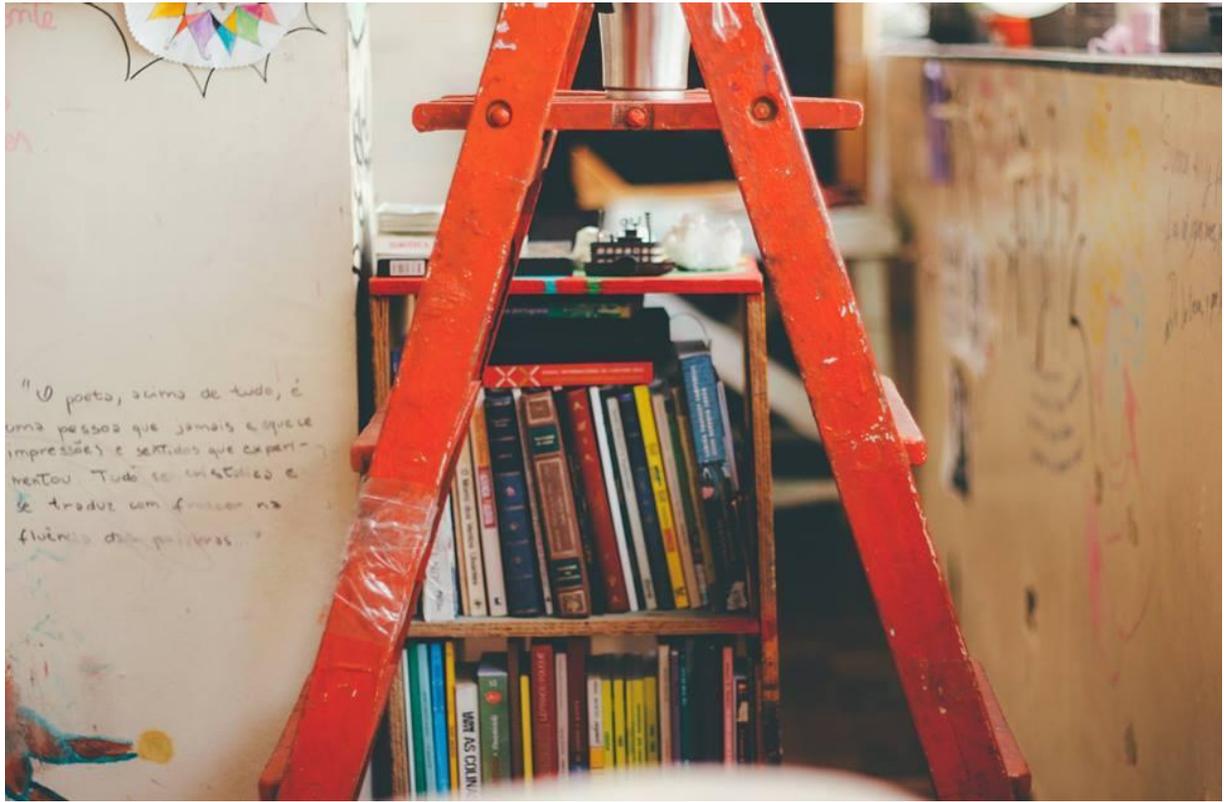
- ESPAÇO LIBERTÁRIO CASA DA ÁRVORE (ELCA) -

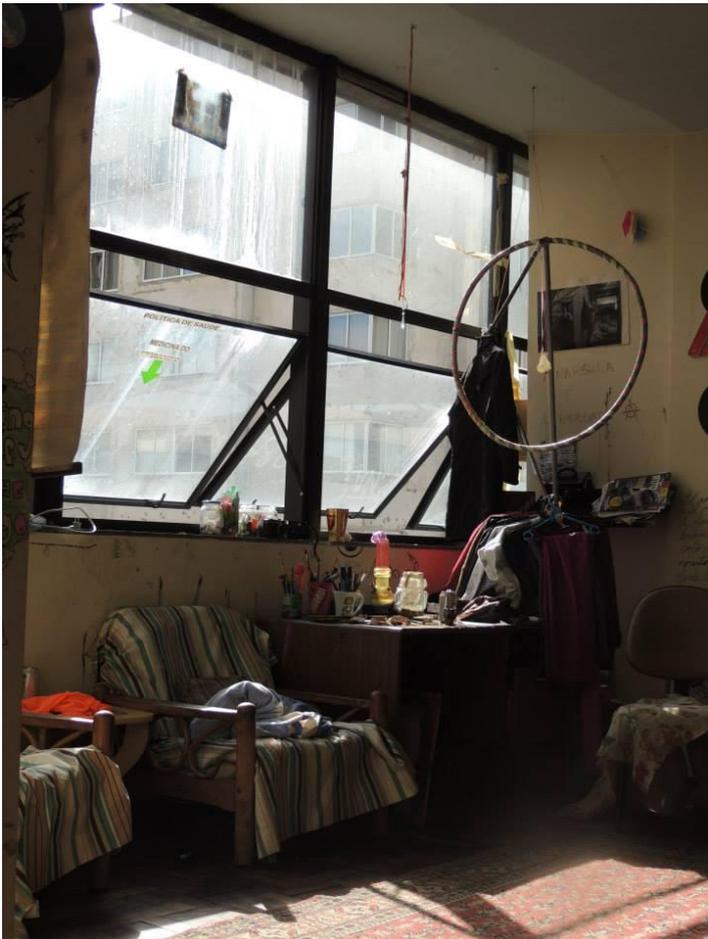
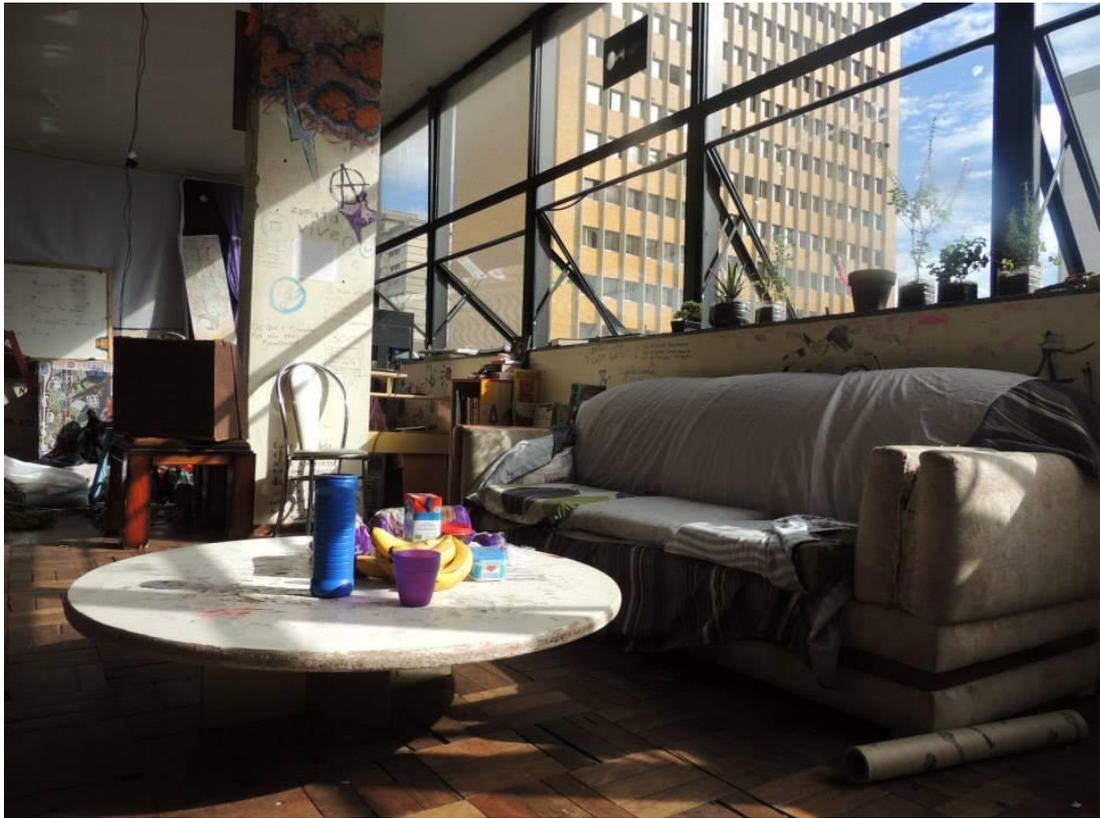
















RAFA, NATI, ALVARO, MONO,
OSCAR, LUCAS, MARIA ANA
LUCAS, FLO, PABLO

22 Quince Nov / 2014